

Travessias

Os impulsos criativos são, de certa maneira, travessias, já que estimulados, sempre, por uma demanda, um conceito, uma forma, uma mensagem, um objeto, uma experiência. As artistas aqui presentes promovem, além desses movimentos criadores, mudanças espaciais, percursos, pesquisas pela cidade.

Cláudia Laux recria percurso poético e memorial do exílio voluntário, vivido entre Brasil e França, por trinta e cinco anos em “Transpassar” e “Céu: Brilho Peregrino das Estrelas”. A artista, tendo a cartografia como método, cria movimentos e desvios próprios, gestos de abandono e resistência numa constelação que ao mesmo tempo rememora falhas e fraturas, e cria, enfim, um novo firmamento. Bete Esteves com “Notas de rodapé” propõe uma experiência dialética, ao criar um percurso de miolos de pães pacientemente esculpidos sob a forma de rosas, hábito de seu pai quando vivo. Anna Paola Protásio, em “Fred Astaire”, cria um objeto como uma nova coreografia a cada movimento, evocando o bailarino norte americano e nos fazendo imaginar movimentos infinitos, estimulados pela circularidade de uma esfera de madeira. Bia Martins, com “Boa fortuna de crescer a tempo”, nos convida a atirar, sob um céu imprevisível, moedas de sua “máquina bélica placebo” num alvo de seiscentos vasos de cerâmica preenchidos com a secura do sal. Denise Calasans traz, em uma de suas “Estratigrafias”, a imagem rasgada da arquitetura da Casa França-Brasil, casa onde as reflexões de *Limiaries* começaram e que se transformaram, agora, num passado em lascas.

Esses trabalhos traçam percursos do encontro entre espaços reais e imaginados, verdadeiros dispositivos do vagar. Criam, assim, partituras provisórias e singulares que permitem leituras da vida, regida pela velocidade, tal qual uma onda, em incessante transformação.